

# O NEGRO E A UNIVERSIDADE BRASILEIRA

Delcele Mascarenhas Queiroz

Universidade do Estado da Bahia, Brasil. E-mail: dmqueiroz@uol.com.br

Recibido: 16 Noviembre 2003 / Revisado: 19 Diciembre 2003 / Aceptado: 9 Enero 2004 / Publicado: 15 Febrero 2004

**Resumen:** En la investigación sobre la participación de los segmentos raciales en la universidad brasileña, realizada en distintas regiones de Brasil, se busca reflejar sobre las razones de la persistencia de desigualdades entre negros y blancos en la sociedad brasileña, mismo después de más de un siglo del fin de la esclavitud. La investigación envolvió universidades públicas en estados con variados porcentajes de negros en su población. La conclusión que se hace es que la desigualdad entre blancos y negros resulta de un modo racista de actuar que incluye la discriminación hacia el negro como un mecanismo de diferenciación en la sociedad.

**Palabras clave:** Brasil, desigualdad, negro, racismo, universidade brasileira.

## 1. INTRODUÇÃO

Esse trabalho propõe-se a refletir sobre persistência de desigualdades entre negros e brancos na sociedade brasileira, tomado como objeto de análise o sistema educacional, particularmente a educação superior.

O Brasil é considerado o País com a maior proporção de negros fora da África. Salvador, na Bahia, é a segunda cidade de maior população negra no mundo. Essa situação peculiar deve-se ao tráfico de africanos escravizados, durante todo o período colonial. Segundo a última contagem populacional realizada no país, quase a metade da população brasileira é negra. Esse contingente concentra-se sobretudo nas Regiões Norte e Nordeste do País. Em alguns estados dessas Regiões, a exemplo da Bahia e do Maranhão, os negros chegam a representar cerca de 80% da população.

Apesar da expressiva presença do negro na população do País, distâncias consideráveis separam negros e brancos em vários setores da

sociedade. É assim no mercado de trabalho, na educação, como em qualquer outro espaço da vida brasileira. A herança da escravidão tem sido invocada como argumento para justificar a situação presente, de desvantagem da população negra. Esse argumento revela-se frágil, no entanto, ante o longo tempo decorrido desde a extinção do trabalho escravo. A fragilidade dessa explicação se evidencia quando se constata que as precárias condições econômicas dos negros, no pós-abolição, não diferiam muito daquela dos grupos de trabalhadores estrangeiros, brancos, que chegaram ao Brasil, desde o final do século XIX. Parcela significativa das elites econômica, política e intelectual do país é oriunda desses grupos de imigrantes pobres, enquanto que a situação da maioria da população negra manteve-se quase que inalterada. Deste modo, não há como explicar as precárias condições de existência dos negros no Brasil, hoje, a não ser pelo efeito devastador do racismo.

Mesmo que a desigual situação de negros e brancos salte aos olhos, existe, contraditoriamente, na sociedade brasileira, uma invisibilidade da raça; uma recusa em admitir que considerável parcela das desigualdades existentes no País, deve-se à condição racial dos indivíduos. A recusa em admitir a raça como um mecanismo gerador de desigualdades sociais repousa na crença, amplamente difundida, de que os brasileiros desfrutam de uma situação racial harmoniosa e equilibrada em termos de tratamento e de acesso aos bens sociais; na idéia de 'democracia racial'. Dessa perspectiva, as desigualdades presentes na sociedade brasileira, seriam reflexo de sua estrutura de classes. Essa visão tem sido responsável por uma banalização das desigualdades entre brancos e negros, dificultado a emergência de um posicionamento crítico face às relações raciais no país, que permita a implementação de políticas de superação dessas desigualdades, a exemplo do que tem ocorrido em outras realidades<sup>1</sup>.

## 2. O NEGRO E A EDUCAÇÃO

O trajeto dos estudantes brasileiros pelo sistema público de ensino está marcado por uma trágica repetição de histórias de insucesso. Mas o fracasso da escola atinge sobretudo os estudantes negros. É sobre eles que recai o peso dos grandes números da exclusão.

A criança e o jovem negros são atingidos de maneiras diversas pelo caráter sutilmente racista do sistema de ensino brasileiro. O racismo se expressa, por exemplo, no acesso diferenciado dos segmentos raciais: estão entre os negros as maiores proporções de pessoas não alfabetizadas; a participação dos negros no sistema educacional vai diminuindo à medida que aumentam os anos de escolaridade<sup>2</sup>. Uma outra face do racismo presente no sistema educacional brasileiro é o silêncio dos currículos escolares sobre a história e à cultura negras. As práticas escolares atingem, ainda, negativamente, a criança negra quando reforçam uma imagem estereotipada e inferiorizante do negro, com pesadas conseqüências para sua auto-estima e para a construção da sua identidade<sup>3</sup>. Todos esses fenômenos concorrem para afastar o estudante negro das oportunidades que podem advir de uma escolarização bem sucedida.

A educação superior mostra-se um ponto privilegiado para examinar a atuação do sistema de ensino na reprodução das desigualdades sociais. Muitos estudos têm buscado indagar o que se passa nesse espaço, por considerar que aí se reflete, de modo mais evidente, a seleção que se opera ao longo da escolarização anterior. Para Bourdieu<sup>4</sup>, os 'mecanismos de eliminação' que atuam durante a carreira escolar, expressam mais claramente seus efeitos nesse nível do sistema educacional. Reflete-se, "[...] nas oportunidades de acesso ao ensino superior o resultado de uma seleção direta ou indireta que, ao longo da escolaridade, pesa com rigor desigual sobre os sujeitos [...]"<sup>5</sup>, a depender da sua classe, gênero, raça.

No Brasil, as análises sobre o caráter seletivo do ensino superior têm, de modo geral, se centrado na análise dos determinantes econômicos do acesso a esse patamar do sistema de ensino<sup>6</sup>. No entanto, os estudos não vêm, com a mesma ênfase, sinalizando para o efeito de outros marcadores sociais como o gênero e a raça que têm, seguramente, uma forte participação na

equação que exclui significativas parcelas da sociedade das oportunidades de acesso ao sistema de ensino. A ausência, nas instituições de ensino superior, de informações sobre a condição racial dos alunos que freqüentam seus cursos, é um fator que tem contribuído para dificultar a análise da situação dos segmentos raciais nesse espaço do sistema de ensino. Até recentemente, quando efetuou-se o primeiro levantamento, na UFBA<sup>7</sup>, sobre a participação dos segmentos raciais numa universidade brasileira<sup>8</sup> era absolutamente desconhecida a dimensão das distâncias entre negros e brancos no ensino superior, no País. Assim, o presente estudo tem a pretensão de contribuir para a compreensão das desigualdades entre brancos e negros no ensino superior brasileiro, fornecendo subsídio à formulação de políticas públicas no campo educacional.

## 3. BRANCOS E NEGROS NO ENSINO SUPERIOR

O estudo, referido<sup>9</sup>, sobre as desigualdades raciais no ensino superior na Bahia, revelou a existência de consideráveis distâncias entre brancos e negros, provocando a indagação sobre a realidade da participação desses segmentos, nas universidades de outras regiões do País.

Aquele estudo havia indicado que cerca de metade dos estudantes da UFBA eram brancos, aproximadamente um terço era pardo e menos de um décimo (8%) eram pretos. Assim, os negros<sup>10</sup>, -pardos e pretos- representavam quase a metade dos estudantes, uma situação que parecia ser animadora, considerando-se a histórica trajetória de exclusão dos negros na sociedade brasileira. Para o segmento negro, estar representado quase nas mesmas proporções que os brancos numa das mais antigas e prestigiadas universidades do País, poderia significar um avanço. No entanto, quando se compara sua presença na Universidade ao seu peso no conjunto da população da Bahia, percebe-se que eles estão sub-representados na Universidade.

O estudo também revelou que é sobretudo dos brancos o privilégio do acesso a carreiras superiores de prestígio. Aos negros estão reservados os cursos menos valorizados socialmente, como aqueles de formação de professores, por exemplo. Ainda nesses cursos eles são, em geral, minoritários. Desta forma, em que pese a expressiva presença dos negros no conjunto da população baiana, eles não estão

se beneficiando, na mesma medida que o contingente branco, do acesso à universidade.

A idéia de realizar uma investigação envolvendo universidades em diferentes regiões do País, objetivou, deste modo, dar visibilidade à situação dos segmentos raciais com relação ao acesso ao ensino superior, contribuindo, para a constituição de um acervo de informações que possa vir a apoiar a formulação de políticas públicas voltadas para a educação da população negra.

O presente estudo buscou comparar os resultados da pesquisa realizada na Universidade Federal da Bahia-UFBA, com os de universidades federais de outras regiões brasileiras: Universidade Federal do Maranhão-UFMA, Universidade Federal do Paraná-UFPR, Universidade Federal Rio de Janeiro-UFRJ, Universidade de Brasília-UnB.

Os dados examinados foram coletados através de questionário, aplicado aos estudantes que ingressaram na UFBA em 1997 e nas demais Universidades em 2000, que levantou, entre outros aspectos, as características pessoais do estudante, informações sobre a escolaridade anterior, o tipo de curso freqüentado e informações sobre a família.

A investigação da cor ou raça do estudante obedeceu a procedimento de autoclassificação, sob duas modalidades. No primeiro momento, o questionário apresentava ao estudante uma questão aberta, que lhe permitia usar o termo que desejasse para definir a própria cor ou raça. No segundo momento, lhe foi apresentada uma pergunta fechada, em que as opções de respostas eram as denominações de cor de uso do IBGE<sup>11</sup>: *branca, parda, preta amarela e indígena*. Essas categorias serão tomadas, nesse estudo, para o cruzamento com outras características dos estudantes.

#### 4. PARTICIPAÇÃO E COR

A comparação entre as universidades envolvidas no estudo mostrou uma grande similaridade no modo como se distribuem os segmentos raciais, revelando significativas desigualdades e evidenciando que a universidade brasileira é um território predominantemente branco. Excetuando-se a Universidade Federal do Maranhão - UFMA, os brancos representam mais da metade dos estudantes nas universidades investigadas; e, ainda aí, eles são

o contingente mais significativo. O maior contingente relativo de estudantes brancos está na Universidade Federal do Paraná - UFPR, o que não surpreende, vez que, dos estados contemplados pela pesquisa, o Paraná é o de maior população branca. Em seguida estão a Universidade Federal Rio de Janeiro - UFRJ e a Universidade de Brasília - UnB. A Universidade Federal do Maranhão e a Universidade Federal da Bahia - UFBA, estados de maioria negra, são as que apresentam os menores contingentes relativos de estudantes brancos (Tabelas 1).

**Tabela 1. Distribuição percentual dos estudantes segundo a cor e a Universidade**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	76,8	86,5	47,0	50,8	63,7
Parda	17,1	7,7	32,4	34,6	29,8
Preta	3,2	0,9	10,4	8,0	2,5
Amarela	1,6	4,1	5,9	3,0	2,9
Indígena	1,3	0,8	4,3	3,6	1,1
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

As informações apresentadas nas tabelas 2 e 3, a seguir, evidenciam as distâncias entre a representatividade dos segmentos negro e branco no conjunto da população e sua participação na universidade, em cada estado. Em todos os estados investigados há significativas distâncias entre a participação de brancos e negros no conjunto da população e seu comparecimento na universidade, indicando o privilégio dos brancos que estão sobre-representados na Universidade.

**Tabela 2. Participação dos negros no conjunto da população do Estado e sua presença na universidade**

Estado	População	Univer.	População
Rio de Janeiro	38,2	UFRJ	20,3
Paraná	22,4	UFPR	8,6
Maranhão	75,1	UFMA	42,8
Bahia	77,5	UFBA	42,6
Distrito Federal	53,6	UnB	32,3

Fonte: IBGE/Pesquisa direta

**Tabela 3. Participação dos brancos no conjunto da população do Estado e sua presença na universidade**

Estado	População	Univers.	População
Rio de Janeiro	61,7	UFRJ	76,8
Paraná	76,2	UFPR	86,5
Maranhão	24,8	UFMA	47,0
Bahia	22,1	UFBA	50,8
Distrito Federal	45,9	UnB	63,7

Fonte: IBGE/Pesquisa direta

### 5. HISTÓRIA ESCOLAR DO ESTUDANTE

Em quase todas as Universidades, as maiores concentrações de estudantes oriundos de escolas privadas estão entre os brancos. Essas proporções são especialmente elevadas na UFBA e na UFMA. Entre os pretos estão os menores percentuais de estudantes oriundos de escolas privadas. Embora nas universidades investigadas a proporção de estudantes oriundos de escolas privadas esteja em torno de dois terços, elas revelam-se espaços bastante seletivos para pobres e negros, aqueles que, como se sabe, têm menores possibilidades de acesso a uma escola desse tipo (Tabela 4).

**Tabela 4. Distribuição dos estudantes oriundos da escola de nível médio privada segundo a cor**

Branca	73,7	62,3	74,5	78,6	68,2
Parda	57,9	50,8	66,3	56,4	63,3
Preta	44,6	41,9	60,4	47,0	53,8
Amarela	70,3	71,0	68,6	72,4	53,3
Indígena	63,5	42,3	63,2	76,5	40,0
Total	69,9	61,4	69,4	68,4	65,7

Fonte: Pesquisa direta

Na UFPR está a melhor situação dos estudantes vindos de escolas públicas; eles representam quase dois quintos dos que aí ingressaram. Também na UnB eles estão bem representados, mesmo entre os estudantes brancos. Isso talvez se explique pela melhor qualidade do sistema público de educação, nesses estados. Em quase todas as universidades, entre os pretos está maior a proporção dos que vieram desse tipo de escola. Entre os pardos é também bastante representativo o segmento oriundo da escola pública. Esse dado é bastante eloquente ao apontar para a importância de escola pública para a população negra, mostrando a urgência de

políticas voltadas para a melhoria da qualidade do sistema público de ensino, como forma de atacar as desigualdades raciais existentes no Brasil, sobretudo em universidades do Nordeste, onde se concentram significativas parcelas da população negra (Tabela 5).

**Tabela 5. Distribuição dos estudantes oriundos da escola pública de nível médio, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	24,9	37,7	24,5	17,2	30,9
Parda	39,9	49,2	33,0	36,9	34,0
Preta	53,1	58,1	38,5	44,0	46,2
Amarela	28,1	29,0	29,4	20,4	46,7
Indígena	32,7	57,7	36,8	18,3	40,0
Total	28,5	38,6	29,7	26,4	32,7

Fonte: Pesquisa direta

Em elevadas proporções, e em todos os segmentos raciais, os estudantes que freqüentam as universidades públicas federais, fizeram seu curso médio no turno diurno; a maior proporção está na UnB e a menor na UFPR. Na maioria das universidades, os pretos são o segmento cujos estudantes, em menores proporções, freqüentaram escolas nesse turno, o que aponta para a dimensão das suas desvantagens (Tabela 6).

**Tabela 6. Distribuição dos estudantes oriundos da escola de nível médio no turno diurno, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	87,4	77,4	91,3	89,5	95,5
Parda	79,5	65,6	91,2	79,6	95,4
Preta	73,8	61,3	91,1	76,7	92,3
Amarela	78,1	81,9	85,7	86,7	100,0
Indígena	84,6	76,9	84,2	89,6	66,7
Total	85,4	76,5	90,2	85,0	95,2

Fonte: Pesquisa direta

Parcela considerável dos estudantes das universidades federais fez um curso colegial<sup>12</sup>, indicando que para esse grupo, a profissionalização representava uma expectativa de mais longo prazo. As mais elevadas proporções são encontradas entre os estudantes da UnB e da UFMA. Na maioria das universidades, os brancos estão melhor representados com relação a esse aspecto,

embora na UnB e na UFPR, destaque-se o contingente amarelo. Excetuando-se a UnB, nas demais universidades os pretos são o contingente com mais baixa representatividade (Tabela 24).

**Tabela 7. Distribuição dos estudantes oriundos de curso colegial segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	80,6	73,3	84,7	79,4	90,7
Parda	65,1	69,6	79,5	59,8	88,5
Preta	54,3	67,7	64,1	51,2	92,3
Amarela	76,6	79,0	76,9	66,3	93,3
Indígena	75,0	73,1	68,4	77,4	83,3
Total	77,0	73,2	79,7	69,9	90,1

Fonte: Pesquisa direta

Na UnB está a menor participação relativa de estudantes oriundos de cursos técnicos, significativamente inferior às demais universidades. A presença deles é maior na UFBA e na UFPR. Os pretos e pardos são, em todas as universidades, os contingentes em que estão as mais elevadas proporções de estudantes oriundos de cursos dessa natureza, evidenciando que para uma significativa parcela desses segmentos a prioridade com relação ao curso médio não era a continuação dos estudos em nível mais elevado, mas o ingresso no mercado de trabalho. A universidade aparece, para eles, como um projeto posterior (Tabela 8).

**Tabela 8. Distribuição dos estudantes oriundos de curso técnico segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	17,4	24,0	14,8	18,1	7,5
Parda	32,1	24,9	20,5	38,2	8,3
Preta	41,1	29,0	34,8	47,3	7,7
Amarela	21,9	17,4	21,2	28,6	6,7
Indígena	21,2	15,4	26,3	18,3	-
Total	20,8	23,8	19,6	27,7	7,6

Fonte: Pesquisa direta

Coerentemente com os aspectos anteriormente analisados, nessa população é pouco expressiva a parcela dos que associaram trabalho e estudo na sua trajetória pela escola básica, como evidenciam as tabelas seguintes. Entretanto, entre os pretos estão as proporções mais elevadas; mais de um décimo. Na UFPR,

encontra-se a maior proporção dos estudantes que trabalharam durante os estudos de nível médio; em torno de 2,6 em dez. Nas demais universidades esse contingente se reduz para uma proporção de cerca de um em dez. Entre os pretos estão, em geral, as maiores participações; na UFPR e na UFRJ, estão as mais elevadas (Tabela 9 e 10).

**Tabela 9. Distribuição dos estudantes que trabalharam durante os níveis fundamental e médio, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	0,9	3,9	1,5	1,3	3,3
Parda	2,0	6,6	1,4	3,3	3,2
Preta	3,1	12,9	3,3	6,2	-
Amarela	3,1	1,5	5,8	1,0	-
Indígena	3,8	1,5	5,3	2,6	16,7
Total	1,2	4,2	2,0	2,4	3,2

Fonte: Pesquisa direta

As expectativas e projetos do estudante e da família, dependem das condições materiais para a sua realização, e se expressam na trajetória escolar do estudante. Assim, o tempo decorrido entre a conclusão do curso médio e a realização do exame vestibular é um elemento revelador tanto das expectativas de formação, quanto das condições de sua realização. Essas condições envolvem, desde uma educação pública que qualifique o estudante para o ensino superior ou a possibilidade das famílias de proporcionar uma escola privada de qualidade para seus filhos, até a possibilidade do estudante manter-se afastado do mercado de trabalho ou de ter uma ocupação que lhe permita dedicar-se ao estudo.

**Tabela 10. Distribuição dos estudantes que trabalharam durante o nível médio, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	12,3	25,7	8,5	10,8	12,0
Parda	18,7	32,7	9,4	15,8	11,5
Preta	26,4	25,8	17,6	18,1	15,4
Amarela	18,8	16,9	11,5	13,3	13,3
Indígena	13,5	34,6	13,2	10,4	-
Total	13,9	26,0	10,1	13,2	11,8

Fonte: Pesquisa direta

Entre os estudantes das universidades investigadas há uma grande variação nas proporções daqueles que concluíram o curso médio no ano anterior à realização do exame vestibular. As mais elevadas concentrações estão na UnB e na UFRJ, e as menores na UFBA e na UFMA. Na primeira, a proporção é de mais de sete em dez; na última, não chegam a três em dez. Observa-se, assim, que nas universidades do Nordeste esses percentuais são os menos elevados; entre os pretos e pardos na UFBA e entre os pardos e indígenas na UFMA (Tabela 11).

**Tabela 11. Distribuição dos estudantes que o concluíram o nível médio no ano imediatamente anterior ao vestibular, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	50,1	40,1	29,0	38,3	70,7
Parda	33,1	32,2	19,0	27,6	73,4
Preta	27,3	19,4	25,6	22,0	46,2
Amarela	40,6	37,0	29,4	29,9	80,0
Indígena	46,2	30,8	16,7	40,2	66,7
Total	46,3	39,1	24,9	33,1	71,1

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 12. Distribuição dos estudantes que o 2o grau há cinco ou mais anos antes do vestibular, segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	6,0	11,9	15,1	18,4	10,8
Parda	12,9	19,2	23,9	26,5	8,4
Preta	18,0	22,6	20,0	29,1	15,4
Amarela	14,1	13,0	3,9	8,2	6,7
Indígena	5,8	7,7	19,4	12,5	-
Total	7,7	12,6	18,0	21,5	10,0

Fonte: Pesquisa direta

Ao contrário do que mostrou a análise do contingente que ingressou na universidade imediatamente após concluir o curso médio, na população de estudantes que concluiu o esses estudos há, pelo menos, cinco anos do exame vestibular, observa-se uma significativa redução da presença de brancos, sobretudo na UnB, enquanto aumenta a participação dos pretos, como na UFPR e na UFBA, por exemplo. Na UFMA além dos pretos, cresce, também, a participação dos pardos. Isso evidencia que, efetivamente, os pretos enfrentam barreiras mais poderosas que os demais segmentos para ingressar no

ensino superior, como bem demonstra a análise da trajetória escolar destes estudantes anteriormente apresentada (Tabela 12).

Na UFRJ e na UnB estão as mais elevadas concentrações de estudantes que estavam prestando exame vestibular pela primeira vez. A UFBA vem em terceiro lugar e a UFMA apresenta a proporção mais reduzida. Na maioria das universidades os brancos são o contingente que apresenta as mais elevadas concentrações de estudantes sem experiência em concurso vestibular; entre pretos estão as menores concentrações. Na UFMA, os pretos se apresentam de modo peculiar, contrariando o que se tem observado, em outros aspectos, com relação a esse segmento. Entre eles está a mais elevada proporção de estudantes que estavam prestando exame vestibular pela primeira vez; numa proporção mais elevada que o conjunto dos estudantes daquela universidade (Tabela 13).

**Tabela 13. Distribuição dos estudantes que prestaram vestibular pela primeira vez segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	45,8	26,5	12,9	36,5	41,0
Parda	36,0	27,0	12,5	30,9	44,8
Preta	32,0	22,6	14,1	26,7	30,8
Amarela	35,0	22,8	9,6	28,6	33,2
Indígena	43,1	26,9	5,4	33,6	60,0
Total	43,5	26,1	12,4	33,4	41,7

Fonte: Pesquisa direta

## 6. COR E PRESTÍGIO DO CURSO FREQUENTADO

Uma das medidas do prestígio dos cursos superiores, adotadas nesse estudo tem como referência a pesquisa sobre o valor das profissões no mercado de trabalho da Região Metropolitana de Salvador - RMS. A pesquisa baseou-se num levantamento junto a empresas de consultoria em recursos humanos, que atuam no mercado de trabalho da RMS, tomou como referência o elenco de cursos oferecidos pela UFBA e resultou uma escala de prestígio de cinco posições - *Alto, Médio alto, Médio, Médio baixo e Baixo*<sup>13</sup>. Essa foi a escala de prestígio que respaldou o estudo sobre as desigualdades raciais na UFBA<sup>14</sup>.

Embora reconhecendo os limites desse estudo, cujo objeto empírico é o mercado de trabalho baiano, consideramos que ele pode servir como referência para a análise de outros contextos, dentro do mercado de trabalho brasileiro, não apenas pela existência de similaridades entre esses mercados, como também porque o valor das profissões não é conferido apenas por critérios objetivos, dados pela sua demanda no mercado de trabalho, mas em elevada medida, por uma representação construída socialmente, isto é, naquilo que a tradição consolidou.

Ante a impossibilidade, dentro das condições do estudo atual, de repetir a pesquisa para os demais contextos, decidiu-se buscar um procedimento que permitisse a comparação entre os cursos oferecidos pelas universidades investigadas e, ao mesmo tempo, verificasse a pertinência da utilização da *escala de prestígio*, referida anteriormente. Para isso foi tomado também como indicador de prestígio do curso a medida da sua demanda para ingresso na universidade, expressa no índice da relação entre a proporção de candidatos inscritos para o exame vestibular e a disponibilidade de vagas em cada curso. Esse procedimento confirmou a hipótese sobre as similitudes entre as realidades examinadas, evidenciando que, em todas as universidades investigadas os cursos que apresentaram os mais elevados índices da relação candidato/vaga são, em elevada proporção, também aqueles apontados pela pesquisa sobre o mercado de trabalho como desfrutando elevado prestígio social. Assim, em todas as universidades, estão entre os cursos de mais elevado índice candidato/vaga, Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Psicologia, Computação, Engenharia Civil, Engenharia Elétrica, Engenharia Mecânica, conforme tabelas 26-28.

Os dados da distribuição por cor, dos estudantes situados em cursos de *alto* prestígio, apresentados na tabela a seguir, evidenciam a posição privilegiada dos brancos com relação ao acesso a cursos de elevado prestígio social, em todas as universidades investigadas. A maior distância entre os segmentos raciais está na UFPR. Aí, a relação branco/preto é de 217,5 para um, a relação branco/pardo é de treze para um e relação branco/amarelo é de 17,5 para um. Na UFRJ, para cada preto em curso de *alto* prestígio, há 45,8 brancos e para cada pardo, 6,5. Nas universidades do Nordeste e no DF, a relação é menos desigual, mas as distâncias se mantêm bastante significativas. Na UnB, apesar

da elevada renda familiar dos pretos, eles estão ausentes dos cursos de *alto* prestígio. Para cada pardo nos cursos desse nível de prestígio existem 2,8 brancos. Na UFBA, para cada preto há mais de treze brancos e mais de dois pardos. As menores distâncias estão na UFMA. Aí para cada preto são dez brancos e 1,7 pardo (Tabela 14).

**Tabela 14. Distribuição percentual dos estudantes em curso de alto prestígio segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	82,5	87,6	52,8	62,1	69,2
Parda	12,7	6,6	30,9	28,6	28,0
Preta	1,8	0,4	6,7	4,7	-
Amarela	1,5	5,0	5,1	2,1	1,9
Indígena	1,5	0,3	4,5	2,5	0,9
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

Para examinar, por outro ângulo, a participação dos segmentos raciais nos *grupos de prestígio*, tomamos isoladamente cada segmento, e observamos sua distribuição pelos diversos níveis de prestígio dos cursos. Na maioria das universidades, o segmento branco é aquele que, freqüentemente, apresenta a mais elevada concentração de estudantes em cursos de *alto* prestígio, confirmando o que foi visto anteriormente. No Paraná esse privilégio cabe aos amarelos, e, na UFRJ, são os que se declararam indígenas, os melhor posicionados (tabela 15).

**Tabela 15. Distribuição dos estudantes em cursos de alto prestígio segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	35,1	37,9	26,3	44,2	23,0
Parda	24,6	31,9	21,9	29,9	19,5
Preta	19,6	17,9	16,2	20,8	-
Amarela	30,9	47,1	19,1	26,7	14,3
Indígena	37,2	13,5	25,0	26,7	16,7
Total	32,8	37,5	23,4	36,3	21,1

Fonte: Pesquisa direta

Ao final do trabalho encontra-se um conjunto de tabelas com a distribuição dos estudantes de cada universidade nos cursos do grupo

considerado de *alto* prestígio social (Tabelas 16 a 27).

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise apontou expressivas desigualdades entre os segmentos raciais no ensino superior, indicando que a universidade brasileira é um espaço de domínio de brancos. Em quase todas as universidades os brancos representaram proporções superiores à metade dos estudantes. A comparação entre a representatividade dos segmentos raciais nas universidades e a sua expressão na população de cada estado, revelou significativas distâncias, apontando para a sobre-representação dos brancos e a sub-representação dos negros, mesmo nos estados em que estes são a maioria expressiva da população, como a Bahia e o Maranhão.

A história escolar desses estudantes indicou que, em significativas proporções, vieram de escolas privadas, de funcionamento diurno, freqüentaram cursos de caráter propedêutico e não trabalharam durante sua trajetória escolar básica. No entanto, os pretos e pardos têm, freqüentemente, fraca representação nesse grupo.

A pesquisa evidenciou ainda uma forte seletividade racial no acesso a cursos de elevado prestígio social, mostrando que é também predominantemente dos brancos esse privilégio.

Esses resultados, portanto, apresentam as universidades federais brasileiras investigadas, com espaços fortemente seletivos, particularmente marcados pela desigualdade racial. Embora tenha ficado bastante evidente a posição de desvantagem em que se encontram os estudantes negros, é oportuno lembrar, mesmo assim, que se está diante de um segmento da população negra já bastante selecionado, porque bem sucedido na disputa por uma oportunidade na universidade pública brasileira, portanto, pouco representativo do conjunto dos estudantes negros brasileiros.

O Brasil vem de uma longa história de negação das desigualdades raciais em que, apesar das profundas distâncias entre brancos e negros, as representações sobre as relações raciais estiveram influenciadas pela idéia de 'democracia racial'. Essa auto-imagem tem dificultado a emergência de uma visão crítica sobre a realidade das relações raciais no País.

Apenas agora, depois de enorme luta das organizações negras, o estado brasileiro começa a reconhecer a situação diferenciada de negros e brancos e a conseqüente necessidade de medidas de combate ao racismo e à desigualdade racial.

Assim, as evidências apontadas nesse trabalho são importantes porque concorrem para dar visibilidade a uma realidade que esteve silenciada ao longo da história pós-escravista, contribuindo para a manter a população negra nos níveis mais precários da escala social e para dissimular as práticas racistas vigentes na sociedade brasileira. O diagnóstico sobre a participação dos segmentos raciais no ensino superior pode, portanto, subsidiar o debate que começa a se esboçar hoje na sociedade brasileira, sobre a necessidade da adoção de políticas públicas de correção de desigualdades entre brancos e negros. O trabalho traz, desta forma, uma contribuição à formulação de políticas no campo educacional, na medida em que desvenda a realidade da participação da população negra no ensino superior.

## TABELAS

**Tabela 16. Distribuição de cursos por universidade segundo a relação candidato/vaga**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Medicina	1º	1º	3º	1º	2º
Direito	5º	2º	1º	3º	1º
Odontologia	3º	9º	11º	5º	5º
Administração	6º	5º	-	8º	11º
Computação	11º	8º	12º	4º	6º
Engenharia Elétrica	14º	-	-	-	-
Psicologia	8º	-	2º	6º	-
Engenharia Civil	14º	-	-	-	-
Engenharia Mecânica	14º	-	-	-	-
Arquitetura	-	6º	-	-	-
Engenharia Química	14º	-	-	-	-

Fonte: UFRJ, UFPR, UFMA, UFBA, UnB



**Tabela 17. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Medicina segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	90,0	84,9	55,9	66,3	75,0
Parda	6,9	5,2	29,4	28,6	12,5
Preta	0,6	-	5,9	1,9	-
Amarela	1,9	9,3	5,9	1,3	12,5
Indígena	0,6	0,6	2,9	1,9	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 18. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Direito segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	81,3	87,7	54,7	67,6	70,0
Parda	13,6	7,1	32,8	26,4	30,0
Preta	1,6	-	6,3	4,4	-
Amarela	1,2	5,2	3,1	-	-
Indígena	2,3	-	3,1	1,6	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 19. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Engenharia Civil segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	91,8	92,3	-	55,7	-
Parda	4,9	3,9	-	34,4	-
Preta	-	0,6	-	3,3	-
Amarela	3,3	3,2	-	4,6	-
Indígena	-	-	-	2,0	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 20. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Arquitetura segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	78,3	85,7	-	68,7	75,0
Parda	16,3	4,8	-	22,0	12,5
Preta	2,7	-	-	2,5	-
Amarela	1,6	9,5	-	3,4	12,5
Indígena	1,1	-	-	3,4	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 21. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Odontologia segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	83,0	86,4	57,1	60,5	-
Parda	11,9	6,2	28,6	31,2	-
Preta	1,7	-	4,8	1,8	-
Amarela	3,4	6,2	-	3,7	-
Indígena	-	1,2	9,5	2,8	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 22. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Administração segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	89,3	87,1	-	70,1	84,8
Parda	6,2	9,9	-	23,6	15,2
Preta	1,8	-	-	3,5	-
Amarela	1,8	3,0	-	0,7	-
Indígena	0,9	-	-	2,1	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 23. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Processamento de Dados segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	77,3	84,8	65,4	56,9	44,4
Parda	18,2	6,5	29,2	24,6	55,6
Preta	3,0	2,2	4,2	10,8	-
Amarela	1,5	6,5	4,2	6,2	-
Indígena	-	-	-	1,5	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 24. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Psicologia segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	78,4	89,5	-	56,9	-
Parda	17,0	3,5	-	29,2	-
Preta	0,9	-	-	9,7	-
Amarela	0,9	7,0	-	2,8	-
Indígena	2,8	-	-	1,4	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 25. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Engenharia Elétrica segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	53,8	-	37,2	58,4	50,0
Parda	30,8	-	31,4	23,3	37,5
Preta	-	-	11,4	10,0	-
Amarela	-	-	11,4	3,3	-
Indígena	15,4	-	8,6	5,0	12,5
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 26. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Engenharia Química segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	76,2	91,0	-	54,6	-
Parda	17,8	9,0	-	32,1	-
Preta	4,0	-	-	5,7	-
Amarela	1,0	-	-	1,9	-
Indígena	1,0	-	-	5,7	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**Tabela 27. Distribuição percentual dos estudantes no curso de Engenharia Mecânica segundo a cor**

	UFRJ	UFPR	UFMA	UFBA	UnB
Branca	81,9	92,2	-	52,9	-
Parda	13,6	6,5	-	27,5	-
Preta	4,5	-	-	9,8	-
Amarela	-	1,3	-	2,0	-
Indígena	-	-	-	7,8	-
Total	100,0	100,0	100,0	100,0	100,0

Fonte: Pesquisa direta

**NOTAS**

<sup>1</sup> Guimarães, A. S. A., "'Raça', racismo e grupos de cor no Brasil". *Estudos Afro-Asiáticos*, 27 (1995).  
<sup>2</sup> Queiroz, D. M., "'Raça' e educação na Bahia nos anos 90". *Revista da FAAEBA*, 12 (jul./dez., 1999).  
<sup>3</sup> Silva, A. C. Da, *A discriminação do negro no livro didático*. Salvador, CEAO- CED, 1995.  
<sup>4</sup> Bourdieu, P., "A escola conservadora: as desigualdades frente à cultura", em Nogueira, M. A.; Catani, A., *Escritos de Educação*. Petrópolis, Vozes, 1998.

<sup>5</sup> Ibid., 41  
<sup>6</sup> Brito, L. N.; Carvalho, I. M. De, *Condicionantes sócio-econômicos dos estudantes da Universidade Federal da Bahia*. Salvador, CRH/UFBA, 1978; Cunha, L. A., *Educação e desenvolvimento social no Brasil*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988; Castro, C. M.; Ribeiro, S., "Desigualdade Social e acesso à universidade - dilemas e tendências". *Fórum Educacional*, III, 4 (dez. 1979); Bessa, N. M., *Acesso ao ensino superior no Brasil. Estudos de Avaliação Educacional*. S. Paulo, Fundação Carlos Chagas, 1990; Santos, C. M. dos, "A aparente responsabilidade do Vestibular na elitização da universidade pública - uma análise dos dados da Universidade Estadual Paulista - VUNESP/1993". *Avaliação Educacional*, 15 (jan./jun. 1997); Zago, N. (org.), *Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares*. Petrópolis, Vozes, 2000; Ribeiro, S. C., "Vestibular 88: Seleção ou Exclusão?". *Educação e Seleção*. 18 (jul./dez. 1988).  
<sup>7</sup> A pesquisa, patrocinada pelo Programa "A Cor da Bahia" da Universidade Federal da Bahia - UFBA, é um exemplo do esforço, ainda incipiente, realizado por algumas instituições para mapear as desigualdades raciais presentes no sistema educacional brasileiro.  
<sup>8</sup> Queiroz, D. M., "Desigualdades raciais no ensino superior: A cor da UFBA", in Queiroz, D. M. et. al., *Educação, racismo e anti-racismo (programa A Cor da Bahia/ Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UFB)*. Salvador, Novos Toques, 2000.  
<sup>9</sup> Ibid.  
<sup>10</sup> Em diversos momentos deste trabalho agregaremos os contingentes preto e pardo sob a denominação de negros.  
<sup>11</sup> IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.  
<sup>12</sup> Curso de caráter propedêutico, na estrutura do antigo sistema de ensino brasileiro.  
<sup>13</sup> *Alto* - Medicina, Direito, Odontologia, Administração, Processamento de dados, Engenharia Elétrica, Psicologia, Engenharia Civil, Engenharia Mecânica, Arquitetura, Engenharia Química; *Médio alto* - Ciências Econômicas, Jornalismo, Medicina Veterinária, Engenharia Sanitária, Enfermagem, Pedagogia, Ciências Contábeis, Nutrição, Química Industrial, Engenharia de Minas; *Médio* - Secretariado, Farmácia, Agronomia, Licenciatura e Bacharelado em Química, Educação Física, Desenho Industrial, Ciências Sociais, Artes Plásticas, Letras, Matemática; *Médio baixo* - Filosofia, Ciências Biológicas, Música, Geologia Física, Geofísica, Composição e Regência, Estatística, Artes Cênicas, Dança, História; *Baixo* - Desenho e Plástica, Instrumento, Biblioteconomia, Canto, Licenciatura em Ciências do 1o. Grau, Geografia, Museologia.  
<sup>14</sup> Queiroz, D. M., "Desigualdades raciais...", op. cit.